

ASSIGNATURAS

Corte, anno..... 10\$000
 Semestre..... 5\$500
 Trimestre..... 3\$000
 Mez..... 1\$000

Pagamento adiantado

O SORRISO

ASSIGNATURAS

Provincias, anno. 12\$000
 Semestre..... 7\$000
 Trimestre..... 4\$000
 Mez..... 1\$500

Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

Dedicado ás Letras Brasileiras

PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.

COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, S. Junior, Alfredo Gomes e Symphronio Cardoso.—Constantino do Amaral Tavares, Victor da Cunha, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, João Mendes, Dr. Walduroff, D. Francisca Gonzaga, F. A. Costa, etc

Escriptorio e Redacção.—Rua de Gonçalves Dias 28

Anno I Rio de Janeiro, 30 de Outubro de 1880 N. 9

Virgem morta

São quatro horas, um seculo de martyrios!
 A' luz frouxa dos ceiros negreja um ataúde,
 Candida açucena no seio seu dormita
 Aos cantos d'um levita— de funebre alaúde!

Que dor fôra mais forte, mais lenta a agonia!
 O' morte, morte impia! porque tanto rancor?!...
 Ella que a existencia apenas entrevia,
 Que nem te presentia sonbando com amor!

Porque tão cedo ao mundo roubaste este florão,
 Deitando-a n'um caixão sem vida, sonhos, nada?
 Porque ao seixo—rei roubaste esta princeza,
 Fanaste esta belleza apenas começada?

Pranteia a natureza nas lagrimas d'aurora,
 O sino afflieto chora triste um passamento,
 E a brisa que segreda as flores, diz:—Cantemos;
 Com a perda que soffremos ganhou o firmamento!

São quatro horas! um seculo de agonias!
 O dia se annuncia por pallidos fulgores;
 O mundo despertando contempla horrorizado
 Um quadro desolado de prantos e de dores!

A. O.

Ciume

No tredo silencio que reina em meu quarto,
 Nas trevas que a noite derrama em meu leito,
 Eu vejo a imagem do infindo tormento
 Que ha muito, donzella, crucia-me o peito.

Se longe, mui longe soluça uma flanta,
 Eu carpo com ella sentidas endeixas;
 Se as ondas na praia em ais se desfazem
 Eu uno a esses ais meus prantos e queixas.

Se um nauta atrevido no mar a deshoras
 Relembra a amada em triste cantar,
 Meu peito estremece—em prantos se afoga:
 Minh'alma dorida desperta a chorar.

Se a brisa perdida no verde arvoredado
 A's flores envia seus ternos queixumes,
 Eu choro com ella—com ella suspiro
 Com o peito opprimido por negros ciumes.

Mas esses ciumes, que são meu tormento,
 São parte integrante de minha ventura,
 Porque sem ciumes—amor não persiste,
 Porque sem ciumes—amor nunca dura!...

A. O.

As Flores

Todas, todas vos dou, vinde colhel-as.

A. F. DE CASTILHO.—*A Primavera.*

Do que chamaremos culto das flores se nos deparam graciosas allegorias nas ficções da mythologia, nas paginas da historia antiga, nas chronicas da média idade e nos annaes das gerações contemporaneas.

De feito, são as flores inseparaveis companheiras da familia humana nos dias da prospera e nos da adversa fortuna

De flores se enfeita o altar na hora dos esponsaes; de flores se adorna o ataúde na hora do passamento!

Todos os affectos e paixões têm uma flor que os symbolisa, traduzindo as gradações do sentimento em sua muda linguagem!

Não comprehendem essa linguagem as almas grosseiras, mas...

Mas, *qu'est ce que cela prouve?* — perguntar-me-hão.— Que diligencieie encontrar assumpto digno da benevola attenção das leitoras, e penso havel-o conseguido occupando-me da *saudade*, das *angelicas* e dos *bem-me-queres*.

Fallecem viço e fragancia ás minhas pobres flores, mas taes quaes são — « todas, todas vos dou, vinde colhel-as. »

SAUDADE

« E' um mal de que se gosta; um bem que se padece. »

D. F. MANOEL DE MELLO.—*Epanaphoras*

Como se amavam!

Que esplendidos horisontes lhes entremostrava o porvir!...

Mas cruel fatalidade de subito os separa.

Com sobrehumano esforço dest'arte elle falla:

« E' forçoso partir...adeus...adeus!...
Levo n'alma a saudade; deixo-te o seu symbolo, guarda-o. »

E entregou-lhe a flor — saudade.

Debulhada em pranto foi ella occultal-a em precioso cofre.

Todos os dias ia vel-a, e mal podia reprimir as lagrimas.

Assim se escoaram alguns mezes; depois deixou de contemplar tão a miudo a flor dilecta, e, revendo-a, ainda se entristecia, mas... não chorava!

Passou a final dias e dias sem olhar, sequer, para a pobre flor!

Mal presentia esta o golpe que lhe estava impendente!

.....

Um dia, rumor estranho, mixto de alegria e de temor, percorreu toda a casa.

E' que nesse dia, a depositaria da flor, deslembrada de quem lh'a offerecera, ia desposar outro mancebo.

Do peito da donzella desaparecera a saudade; para que guardar a flor que a symbolisava?

Com fria indifferença foi buscal-a ao precioso cofre, e desdenhosamente a lançou á rua!

.....

Apanhei a pobre flor, guardei-a, conservo-a compadecido, não della, mas de quem não soube comprehendr que a saudade — « é um mal de que se gosta; um bem que se padece. »

ANGELICAS E BEM-ME-QUERES

« Melhores são ás vezes os bem-me-queres do campo, que as angelicas dos jardins. »

CURVO SEMEDO.—*Polyantha.*

Dourados raios de florente mocidade illuminavam-lhes as frontes gentilissimas!

Certo não era uma mais candida e formosa que a outra, mas, enquanto uma deslumbrava os salões com os esplendores da peregrina formosura, vivia a outra de todo sequestrada de banquetes e festas.

Eis a curta historia da existencia de uma e da outra.

.....

Uma ardentemente amou, mas facilmente esqueceu o primeiro affecto que n'alma lhe desabrochára, e, arrastada em vertiginoso vortice, sacrificou o amor á vaidade, e, soldando a cadêa de sua florida juventude a um Créso sexagenario, viu ennoitecer-lhe a existencia por entre os fulgores da riqueza e do luxo!

A outra teve uma unica, mas indestrutivel affeição: amou, e, ausente annos e annos daquelle a quem amava, recusou protestos, repelliu promessas, mantendo-se fiel, a despeito do tempo e da distancia!

Seus dias foram coroados pelas perenaes venturas do amor, sancionado pela consciencia, sanctificado pela religião.

.....

Eram ambas jovens, formosas e candidas.

Como, pois, a que teve maior realce ficou moralmente offuscada pela modesta companheira?

E' que « melhores são ás vezes os bem-me-queres dos campos, que as angelicas dos jardins. »

G. BELLEGARDE.



A' EXMA. SRA. D. LIND'HERME L.

São cordas da minha lyra
Os longos cabellos teus;
Liames com que se prendem
Pulsos assim como os meus.

Madeiras bastas e negras
D'um lustre que bem fascina,
Ornam teu craneo modelo,
Dão garbo á face divina.

Soltos como que ao desdem
Esses bulções feiticeiros,
Arroubam o pensamento
Dos leões e dos cordeiros.

Não forces a trança maga,
Deixa-a em ondas volitar,
E verás pasmos em chusma
Poetas, para a adorar.

Essa decantada purpura
Inherente á realesa:
Fica muito áquem do dote
Que te deu a natureza.

Cada fio é um conducto
D'amor e de seducção!...
E só dirá o contrario
Quem fôr baldo ao coração.

E se alguns, livres, cahirem
No chão, rebentarão flores:
P'ra volverem ao teu toucado
Trescalando mil odores.

No poste dos teus supplicios,
Atai-me com os teus cabellos,
Que morrerei satisfeito
Não deixando assim de vel-os.

Teus cabellos são a noite;
Tu és da aurora o brilhante;
Se ás vezes elles te eclipsam
Tornas-te então deslumbrante!...

DR. WALDUROFF.



A concha e o coração

Não viste a concha do mar,
Que bebendo o suor bello
Da alva fóima uma perola,
Em seu concavo singelo?

E que ao passo que a perola,
Vai com a concha crescendo,
Crêsce a amisade entre ellas
Uma á outra prendendo?

E para tirar-se a perola,
A concha fica em pedaços
E dos repetidos golpes
Restam só os estilhaços?

Pois assim meu coração,
Foi concha que descuidada,
Tambem creou uma perola
Por teu amor esmaltada !..

E tão unida ficou
A perola com o coração ;
Que formaram um só corpo,
Em tão estreita união !

Do coração desligaram,
Por nefanda crueldade,
A perola, supprindo o vacuo,
A mais pungente saudade !

Borbulharam de meus olhos,
Em gotas de sentimento,
Esses sensiveis destroços.
Do mais cruel soffrimento !

O que revela este pranto?
Não mais occultar intento :
Pedaços do coração
Que se quebraram lá dentro ! !...

DR. LUIZ CARDOSO.

Um beijo

Na face linda e mimosa,
onde brilha o roseo pejo,
deixa-me, Altina formosa,
que eu possa depôr-- um beijo.

E' tudo quanto te peço,
em paga dessa affeição
que por ti no seio aqueço,
no livro do coração.

Oh ! não me negues, querida,
esta suave ventura,
a melhor da minha vida,
vindo da tua ternura !...

Na face linda e mimosa,
onde brilha o roseo pejo,
deixa-me, Altina formosa,
que eu possa depôr—um beijo.

Rio, 10 de Outubro de 1880.

**Por causa d'um primo**

(SCENA DE CIUMES)

VI

Enquanto D. Thereza se comprazia em devassar os segredos do filho, as meninas da rua do Cattete, que haviam acabado de jantar, retiravam-se para o seu quarto, a pretexto de um leve incommodo.

A indisposição que houvera entre ellas não terminára, apesar dos bons conselhos de sua avó, que via n'isto um máu presagio para o futuro.

A' mesa conservaram-se silenciosas, sem se olharem, respondendo apenas com monosyllabos ás perguntas que lhes dirigia aquella pobre senhora, que procurava em

seu intimo estudar a verdadeira causa de tão inopinada desavença.

O que ellas lhe disseram não era verdade; motivo mais forte existia para tal reacção; aquelle não a contentava; era por demais insignificante para transformar repentinamente dous anjos em duas serpentes.

Cumpria-lhe, portanto, indagar.

Era necessario descobrir-se o *fiat lux*, um ponto qualquer para aclarar-se o escuro d'este horizonte, que parecia cada vez mais carregado.

Como fazel-o? De que meios aproveitar-se para penetrar esse mysterio?

Fazendo mil supposições, conjecturando as coisas mais caprichosas e futeis, não sabia a boa senhora que resolução havia de tomar.

Obrigal-as-ia a revelarem-lhe toda a verdade, de modo a não comprometter ainda mais a situação, ou procuraria só por si adivinhar as causas?

Era a primeira vez que suas netas lhe davam que pensar tão atribuladamente.

Agora, que ella precisava dos seus carinhos, da sua afeição, que desejava vel-as alegres, para ser alegre tambem, encontrava-as frias e tristes e amuadas uma com a outra.

Este viver, que durava pouco, é verdade, mas que poderia prolongar-se, não lhe agradava; era forçoso voltar aos dias primitivos, ruidosos e contentes, em que essas duas meninas se lhe penduravam ao pescoço, cobrindo-a de beijos, apertando-a em abraços, o que lhe era allivio e lhe amenisava a existencia.

E n'esse dia as moças foram escassas em caricias para a triste que lhes queria tanto, e a quem consagrava toda a sua existencia!

Deixaram-na só, alli, sentada á mesa, a engulir lagrimas de afflicção pungente, porque vira as suas netas tambem chorar!

Dariam ellas apreço a essa magoa profunda que ennegrecia o coração de sua avó? Ella, velha, abatida por soffrimentos constantes, mereceria porventura compaixão?

Levantando os olhos para o céu, como a pedir a Deus uma inspiração para sanar os males que ameaçavam assoberbal-a, D. Maria das Dôres soluçando como uma criança, esperava uma idéa salvadora.

D'ahi a pouco, tomando uma attitude mais energica, limpou os olhos, apparentou a maior serenidade, e chamou alguem.

Appareceu uma criada, que reparando n'ella, perguntou:

— Minha senhora esteve chorando?

— Não; estou incommodada dos olhos.

A criada não acreditou, porém não quiz teimar.

— Onde estão minhas netas?

— No seu quarto, minha senhora.

— Dormem?

— Creio que sim, porque as cortinas da cama estão cerradas.

— Está bom; deixa-me só.

Depois, levantando-se sem fazer a menor bulha, dirigiu-se pé ante pé para o quarto de suas netas.

A porta, que apenas se achava encostada, abriu-a mansamente, poz-se a contemplar as moças, que se achavam deitadas, cada uma em seu leito, veladas ambas por finissimo cortinado branco, com pequenos laços de fita azul.

Os olhos cerrados e a respiração indicavam que ellas dormiam.

D. Maria das Dôres encaminhou-se para uma secretaria, unica guarda dos segredos de suas netas, se é que os tinham, e com

as chaves que ellas por acaso haviam deixado nas proprias gavetas, abriu em primeiro logar a de Isabel, e vendo dentro um cofre d'erable, que se achava aberto, reparou immediatamente no retrato de seu neto.

N'este momento, as moças, que fingiam dormir, para não se fallarem, abriram os olhos.

Continuando nas suas pesquisas, depois de haver tirado algumas cartas pertencentes a Isabel, fez o mesmo na gaveta de Olympia, onde encontrou não poucas, e quando julgava vêr a luz feita e se propunha a sahir com as provas do delicto, saltam da cama as moças que gritam ao mesmo tempo :

— Pelo amor de Deus, minha avó!..

F. ARTHUR COSTA.

(Continúa).



Serões da Província

POR

JULIO DINIZ

AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE

O medico, que n'aquelle momento limpava os oculos, collocou-os de novo sobre o nariz e olhando para mim directamente, como ainda até alli o não havia feito, perguntou-me :

— O Sr. é formado? Tem algum curso?

— Não, Sr. — respondi immediatamente.

Pareceu-me que no seu conceito descia cincoenta por cento, depois da resposta... Voltou-me as costas sem cerimonia, e, com a familiaridade que lhe dava uma convivencia de longos annos, tirou do bufete um

par de ameixas seccas e foi saboreal-as para a janella.

O abbade encarregou-se de continuar a inquirição principiada.

— Mas V. S.—disse-me elle com voz melifica—tem seguido alguns estudos?

— Possuo leves rudimentos d'alguns.

— Cultiva a litteratura?

— Aprecio-a imperfeitamente.

— Quem são os seus auctores favoritos?

— Encontro sempre grande difficuldade em responder a uma interpeção d'esse genero. Não sei. Admiro tanto Balzac, como Walter Scott, como Alfred de Vigny; extasio-me com uma das mais arrojadas estrophes de Byron, de Victor Hugo ou Musset, tanto como me extasio com um dos sentimentaes poemas de Lamartine.

Respondi com a maior ingenuidade e vi a estupefacção desenhar-se no rosto do abbade a cada um dos nomes que ia pronunciando, para elle mais indecifreveis que os de festim de Balthazar. Quando cheguei ao ultimo carregou o sobr'olho e preparou-se para fallar. Escutei.

— Que disse? Lamartine? Não é um jacobino? Parece-me que tenho idéia de...

Não pude responder com receio de perder a gravidade.

Vendo o meu silencio, continuou :

— Sim, não tem que vêr, é o proprio; um dos vermelhos, um pedreiro livre, dos taes senhores da *égalité*!—e accentuou sarcasticamente a syllaba final—Com-que então... admira isso?

Aqui abriu a caixa de rapé, fungou uma abundante pitada, assoou-se e, depois de soltar um suspiro *ab imo pectore*, voltou-me as costas, murmurando não sei que verso de Virgilio ou de Horacio, que pro-

vavelmente não me lisongearia muito se fosse ouvido.

N'este momento a Sra. D. Margarida annunciou a chegada do terceiro conviva. Era o Dr. Theophilo, personagem exotico, cujos olhos pardacentos, como que envergonhados de se verem tão feios, fugiam um do outro, confinando-se no angulo mais externo d'umas escalavradas orbitas.

O Dr. Theophilo, acalentando de ha muito as mais fagueiras esperanças na *mão em segunda mão* da senhora de Entre-arroios, — trocadilho de sua lavra, muito festejado pelo auctor, — cada dia inventava novas finezas, sem nunca atinar com aquella que esperava lhe havia de valer a entrega da praça e da guarnição.

D'esta vez trazia pendente da mão esquerda uma trouxa que prometia grande surpresa para o *dessert*, ocasião escolhida sempre por elle para as suas offertas amorosamente ambiciosas.

— Já era retardatario ao que vejo — exclamou o doutor, ao encarar com os outros frequentadores dos jantares de Entre-arroios.

— A justiça é sempre a ultima a chegar — resmungou o medico, explorando de novo, e com igual successo, o bufete, que exercia sobre elle uma manifesta attracção.

O Dr. Theophilo, imperturbavel por indole e por calculo professional, respondeu amavelmente:

— Onde a sciencia e a religião existem, não se faz esperar a justiça.

O doutor era uma especie de mediador plastico, perdoem-me os philosophos se rebaixo o termo, entre os dous elementos heterogeneos do abbade e do medico.

A Sra. D. Margarida, á imitação dos fabricantes de instrumentos de physica,

que entremeiam o ouro entre a prata e a platina, na construcção de certas laminas, para podel-as •sugeitar á accção do calor, servia-se do doutor para que a soldadura do abbade e do medico não rompesse tambem no calor da discussão.

Era vez do advogado se dirigir a mim.

— E como vai o hospede?

— Encantado com a hospedagem.

— Bellissimo! — disse o doutor pronunciando esta palavra portugueza, como se tivesse necessidade de ser italiana.

D. Margarida, no animo de quem eu havia conquistado terreno, depois da nossa rapida conversação, encetou a meu respeito uma apologia, que a modestia me obriga a calar, e que teve um effeito exactamente contrario ao que talvez a boa senhora esperava. De facto o doutor, ao notar o fogo com que D. Margarida fazia o meu panegyrico, mostrou-se inquieto: olhou para mim d'um modo particular, depois para ella, depois de novo para mim, e, como sem consciencia do que fazia, approximou-se da meza e bebeu até á ultima gota um copo de agua que encontrou á mão. Caso realmente extraordinario na sua vida, porquanto o doutor nunca podera concordar com Pindaro, a respeito das excellencias da agua.

Percebi que o ciume aguilhoava o coração do erulito interprete do digesto.

Que popularidade! Em poucos minutos conseguira tornar-me antipathico aos tres commensaes de D. Margarida!

Mas o meio dia chegára emfim, hora consagrada desde tempos immemoriaes em Entre-arroios á solemnidade gastronomica, a que se dá o nome de jantar.

(Continúa).

MOSAICO

Havia muitos dias que estava de cama um amigo da pinga.

— Vai ver como está o tempo, disse elle á mulher.

— Não muito bom, respondeu ella, está um pouco toldado.

— Ah! suspirou o bebado, quem me dera estar como elle!

—
E' o amor quem nos inspira grandes coisas, e quem nos impede de as realisar.

—
Um sujeito passa por uma photographia e repara no retrato de uma bella mulher.

Entra, e com a maior anciedade, pergunta ao dono da casa:

— Senhor, eu quero pedir-lhe um obsequio...

— Queira dizer.

— Ha muito que procuro uma mulher a quem amei, sem nunca a encontrar; hoje o acaso mostra-me o retrato d'ella na sua vitrine. Póde dizer-me onde mora?

— E' preciso que eu veja o retrato.

— E' aquelle que está alli, Sr.

— Oh! aquella é minha mulher!

—
Havia dois gemeos. Um d'elles expirara. Um sujeito que os conhecia encontra o irmão que restava e pergunta-lhe:

— Qual dos Srs. foi que morreu?



CHARADAS

As do ultimo numero são: Cacete (K C T), A gaz (H H H), Cattete; (K T T), E' fiel (F I L), Cahí, (K I).

Um mez do *Sorriso* ao 1.º decifrador das de hoje:

2—2—Fui sceptro, tenho corrente, sem ser forçado, e vivo entre grades,

Nos theatros vista sou—2

O marido á irmã roubei—2

Os destinos do universo

Decidir presenciei.

2—2—Sou mulher, homem e homem.

BIBLIOGRAPHIA

Em consequencia de não podermos dispôr de grande espaço, daremos conta das publicações com que formos obsequiados, sómente no fim de cada mez.

Durante o mez de Outubro recebemos:

Messenger du Bresil, *Revista Brasileira*, *Revista Illustrada*, *Mequetrefe*, *Nova Semana Illustrada*, *O Fluminense*, *O Neophyto*, *O Heróe*, *A Luz*, *O Leopoldinense*, *Aurora Barramansense* e *Gazeta da Manhã*, de Campos.

Uma noite de baile, fragmento juvenil, por Arthur Brasilio.

A onça na Aratáca, magnifica quadrilha para piano, do habil e conhecido pianista J. Lopes Junior.

Agradecemos todas estas provas de consideração.



EXPEDIENTE

A todas as illustradas redacções, tanto dos jornaes da côrte, como das provincias, enviamos nossos agradecimentos, pelas boas referencias que fizeram a nosso humilde jornal, e muito especialmente ás do *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Noticias*, *Cruzeiro* e *Gazeta da Tarde*, que tão expontaneamente nos tornaram conhecidos com as noticias que deram a nosso respeito.

—
A todos os amigos que nos fizeram o obsequio de tomar listas de assignaturas para o nosso jornal agradecemos a boa vontade com que o fizeram.

Unicamente nos queixamos do correio geral, que não mandou uma boa parte d'esta folha ao seu destino, o que occasionou constantes reclamações de nossos assignantes, a quem pedimos desculpa por essa falta, que não foi nossa.

—
Sendo este o ultimo numero dos Srs. assignantes de mez, rogamos áquelles que queiram continuar a receber o *Sorriso*, o favor de reformarem sua assignatura, para não ser interrompida a remessa.